



DIOCESE DE TEIXEIRA DE FREITAS/CARAVELAS-BAHIA
SÍNODO 2021 – 2023 - SÍNTESE DAS ESCUTAS REALIZADAS
Por uma Igreja Sinodal – Comunhão, Participação e Missão

“O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” Papa Francisco

Dom Jailton de Oliveira Lino – Bispo Diocesano

DIOCESE DE TEIXEIRA DE FREITAS / CARAVELAS - BA
DUC IN ALTUM



ORAÇÃO PELO SÍNODO

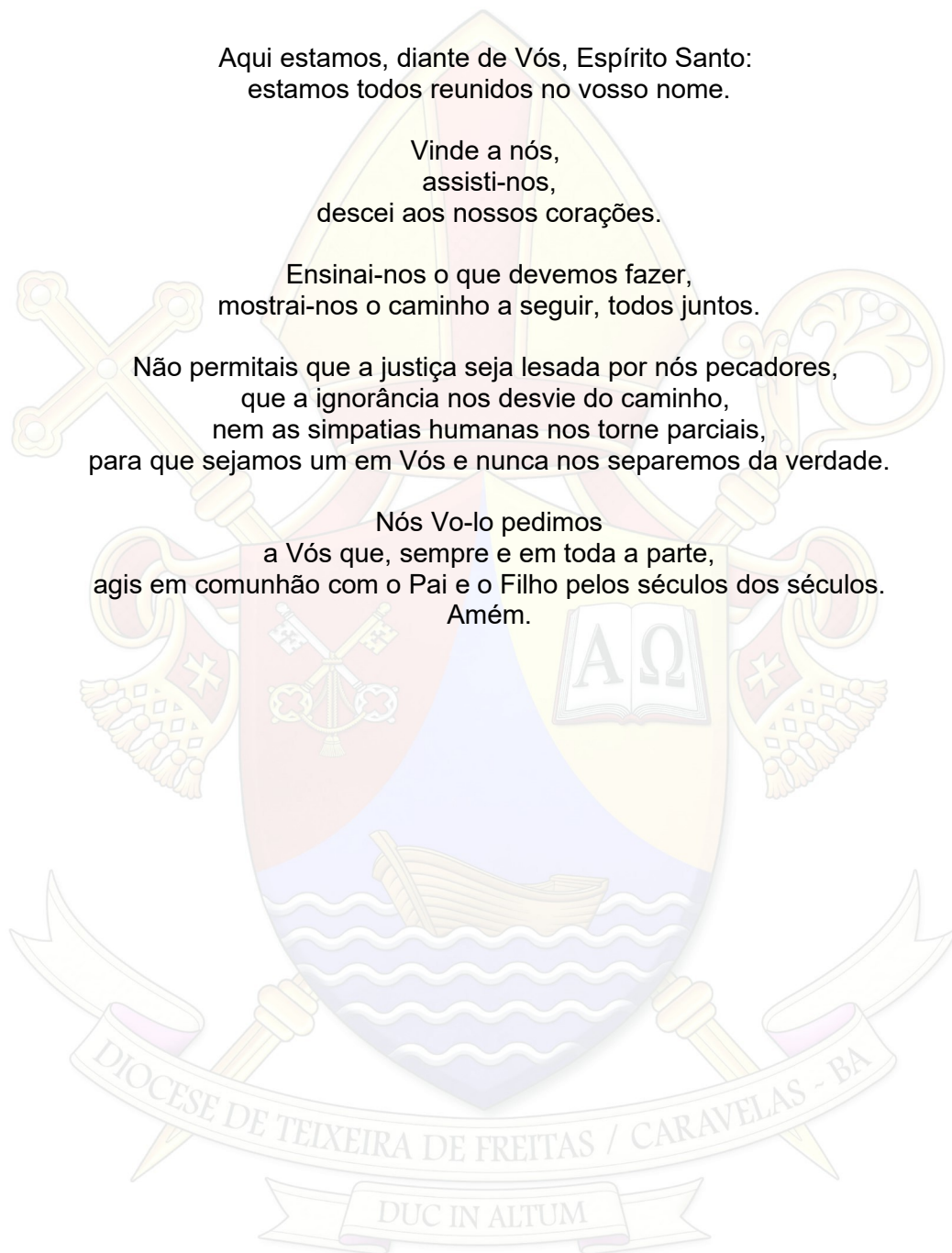
Aqui estamos, diante de Vós, Espírito Santo:
estamos todos reunidos no vosso nome.

Vinde a nós,
assisti-nos,
descei aos nossos corações.

Ensinai-nos o que devemos fazer,
mostrai-nos o caminho a seguir, todos juntos.

Não permitais que a justiça seja lesada por nós pecadores,
que a ignorância nos desvie do caminho,
nem as simpatias humanas nos torne parciais,
para que sejamos um em Vós e nunca nos separemos da verdade.

Nós Vo-lo pedimos
a Vós que, sempre e em toda a parte,
agis em comunhão com o Pai e o Filho pelos séculos dos séculos.
Amém.



Em tempos de Sínodo

Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão

Para refletir este tema o Papa Francisco convocou toda a Igreja para entrar em ritmo de Sínodo. Durante o seu pontificado, Francisco várias vezes recordou que a sinodalidade é a via mestra na vida da Igreja. Por ocasião dos 50 anos da instituição do Sínodo dos bispos, o Papa, em 17 de outubro de 2015, pronunciou essas palavras: “Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra Sínodo. Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática”.

“O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio. (Papa Francisco, 17 de outubro de 2015)”

A sinodalidade, destacou ainda em 2015 o Papa, oferece “o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico”. “Se compreendermos que, como diz São João Crisóstomo, Igreja e Sínodo são sinônimos, entenderemos também que dentro dela ninguém pode ser elevado acima dos outros”. “Pelo contrário – explicou o Santo Padre –, na Igreja, é necessário que alguém se abaixe pondo-se ao serviço dos irmãos ao longo do caminho.”

Jesus constituiu a Igreja, colocando no seu vértice o Colégio Apostólico, no qual o apóstolo Pedro é a rocha. Mas nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, observou Francisco, quem exerce a autoridade chama-se ministro, porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos.

O primeiro nível de exercício da sinodalidade se realiza nas Igrejas particulares. O segundo nível é o das Províncias, das Regiões Eclesiásticas e das Conferências Episcopais. O último nível é o da Igreja universal. “Aqui o Sínodo dos Bispos, representando o episcopado católico –, recordou o Papa – torna-se expressão da colegialidade episcopal dentro duma Igreja toda sinodal.”

Estamos concluindo este primeiro nível a enquanto Diocese. Desde outubro do ano passado estamos em sínodo, procurando caminhar juntos para aprender no caminhar a ser sempre mais esta Igreja da Comunhão, Participação e Missão. Caminhar não é fácil e caminhar juntos requer muito esforço e desapego. Acredito que o trabalho feito possa dar uma boa radiografia da nossa Igreja Diocesana e nos apontar caminhos para sermos sempre mais a Igreja desejada por Jesus Cristo.

Inspirando-se nas palavras do Papa por ocasião dos 50 anos da instituição do Sínodo dos bispos, a Comissão Teológica Internacional conduziu, em 2018, um estudo sobre a sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Sínodo – lê-se no documento – é uma palavra antiga na tradição da Igreja. É composta pela preposição σύν (com) e do substantivo óδος (caminho). Indica o caminho feito com o Povo de Deus. Desde os primeiros séculos, são designadas com a palavra “sínodo” as assembleias eclesiais convocadas em vários níveis para discernir, à luz da Palavra de Deus, questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais. O termo sinodalidade indica “o específico modus vivendi et operandi da Igreja Povo de Deus, que manifesta e realiza concretamente o seu ser comunhão no caminhar juntos, em reunir-se em assembleia e na participação ativa de todos os seus membros na sua missão evangelizadora”.

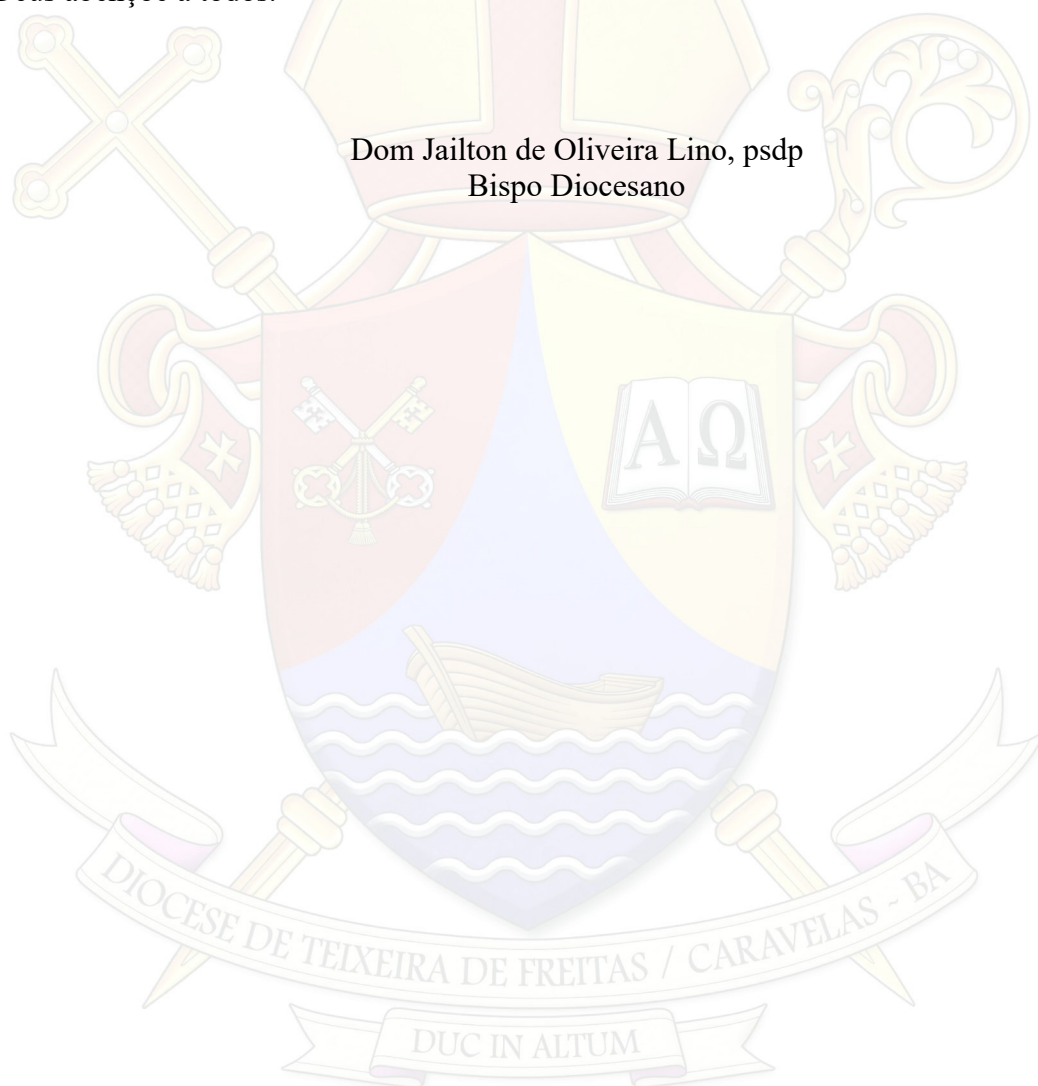


Agradeço à Comissão Sinodal coordenado pelo Pe. Ricardo Menezes pelo trabalho realizado e aqui sintetizado. Obrigado também a todos que se reuniram para rezar, conversar, projetar... a partir da dinâmica da proposta da Secretaria Geral do Sínodo. Acredito que aprendemos muito neste caminho.

Continuemos acompanhando o Sínodo nos próximos níveis e em seus desdobramentos. Porém, acima de tudo, aprendemos a que o Sínodo não pode ser um fato isolado no tempo e no espaço, mas uma atitude permanente do nosso ser cristão/católico, do nosso ser Igreja.

Deus abençoe a todos.

Dom Jailton de Oliveira Lino, psdp
Bispo Diocesano





DIOCESE
TEIXEIRA DE FREITAS
/ CARAVELAS

DESENVOLVIMENTO

QUESTÃO FUNDAMENTAL

Como é que este "caminhar juntos" tem lugar, hoje, a diferentes níveis (desde o local ao universal), permitindo que a Igreja anuncie o Evangelho? E quais os passos que o Espírito nos convida a dar para crescermos como Igreja sinodal?

O caminho sinodal na complexidade do contexto vigente com suas tensões e contradições nos convoca a fazer uma leitura libertadora dos sinais dos tempos e a interpretá-los a luz do evangelho.

Somos convidados ao processo da SINODALIDADE. Esse permeia a vida da Igreja e proporciona muitas alegrias ao SER Igreja que realiza a sua missão de continuar a ação de Jesus Cristo, junto aos diferentes grupos e realidades com uma presença transformadora em nossa sociedade.

É de grande importância que a Igreja e a sociedade caminhem lado a lado em busca do mesmo objetivo que é a harmonia e unidade entre leigos, pastores e Bispo de Roma. Para tanto, precisamos criar mais momentos de caminhada juntos enquanto movimento. O cristão autêntico deve pôr em prática a palavra de Deus, através do amor ao próximo.

É importante ressaltar que a oração e ação andam juntas. Quando tomamos conhecimento da força da oração e do que é realmente viver em comunidade através das atitudes, alcançamos o verdadeiro sentido de caminhar juntos. Por isso, é de grande valia que as comunidades demonstrem acolhida e integração entre si.

Cada batizado é chamado a participar da vida na Igreja, inicialmente, na Santa Missa e subsequente é convidado a trabalhar no engajamento das pastorais e movimentos, embora poucos se comprometam. É importante dizer que a pessoa convidada deve ter compromisso e real interesse em fazer parte das ações dos movimentos e pastorais, mas também é de grande relevância que os grupos que já fazem parte possam acolher os que estão chegando.

Nós católicos precisamos voltar às práticas da boa acolhida. Geralmente em muitas comunidades percebemos uma distância entre aqueles que estão na linha de frente servindo na liturgia, pastorais e movimentos, que vivem no comodismo de suas funções e por consequência não cativam os cristãos batizados e não batizados a ingressarem cada vez mais em tudo aquilo que a Igreja nos chama a viver. É necessário sermos mais acolhedores com todos, sem excluir ninguém.

Sabe-se que a participação ativa daqueles que tem interesse em ajudar muitas vezes é limitada ou até impedida a depender do tipo de acolhida que recebe. Aqui vale lembrar a importância do convívio em comunidade no período em que sucede a celebração da Santa Missa e que isto ajuda a integrar os membros da comunidade. Para isso, é de imensa necessidade que as pessoas que já fazem parte das ações dentro das pastorais e movimentos acolham todos, principalmente os que estão distantes, os mais tímidos, os que vivem à margem da sociedade e os que precisam de apoio por diversos motivos. Aqui entra a ação missionária. Oração com atitude concreta.

A igreja missionária deve estar atenta à participação nas ações sociais (antigamente, os grupos de jovens faziam muitas ações sociais, atualmente percebemos um esfriamento), atitudes que busquem estudos científicos (alinhar a ciência com a fé), ou seja, buscar agir frente aos problemas sociais, ambientais, saúde pública, uma vez que todos somos missionários e cada um tem um carisma e disposição para servir.

A pandemia do Covid-19 nos desperta a consciência de que somos uma Igreja Católica, uma comunidade mundial que caminha num só barco. Onde o mal de um prejudica a todos. Ninguém se salva sozinho.



73 9 9113-0136



dioceseteixeiradefreitas.com.br



curia@dioceseteixeiradefreitas.com.br



Rua Marechal Eurico Gaspar Dutra, 38 | Centro
Teixeira de Freitas - BA | CEP: 45.985-106

Pelas experiências vividas e adquiridas em nossa igreja particular constata-se que existe um esforço de uma Igreja mais sinodal, mas por outro lado, há muito por fazer na direção traçada pelo Concílio Vaticano II. A sinodalidade exige a conversão espiritual-pastoral e o discernimento comunitário e missionário exigidos para uma autêntica experiência de Igreja **COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO**.



1. COMPANHEIROS DE VIAGEM

Em toda a história do povo de Deus, povo escolhido e amado, o ato de caminhar foi determinante para a realização do Plano Salvífico do Criador. Caminhar com Deus nunca foi uma ação simplesmente geográfica, de um lugar para o outro. Tudo o que o Senhor sempre desejou foi que o homem caminhasse com Ele. Os últimos acontecimentos que deixaram grandes sequelas nas nossas comunidades, que nos distanciaram da nossa essência, também nos ensinaram a importância e urgência de nos unirmos, buscando aqueles e aquelas que, por alguma razão, pararam a caminhada.

Temos tentado caminhar juntos na mesma estrada, mesmo em grupos diferentes. Vale destacar que muitos fiéis ainda não estão engajados nos diversos movimentos existentes na Igreja. É notório ver um grupo ou outro sendo pouco acolhido no seio da Igreja, em detrimento de outros, que são deixados de lado, talvez pela sua maneira de comungar ideias ou ideais por pensar diferente.

Para caminharmos juntos é preciso ter definida a finalidade, a meta, com continuidade mesmo diante das dificuldades, na convivência ativa em comunidade, e essa vivência é muito necessária! Precisamos também estudar os documentos, o Catecismo da Igreja, envolver mais, participar dos sacramentos, celebrações, encontros e momentos de espiritualidade dando testemunho em todos os ambientes e participando mais da vida dos irmãos na caridade e amizade.

Há muita vaidade na Igreja: ciúmes entre clero e leigos, inveja, falta de acolhimento. A Igreja é completa em tudo, precisa-se buscar o conhecimento, formação, fazer tudo com amor para Deus, não desanimar com obstáculos que possam surgir, ter um bom relacionamento com o padre, ter abertura para falar, questionar, informar. As lideranças eclesiais e religiosas precisam ter mais humildade, caridade, disponibilidade.

É urgente reforçar, a cada dia, a prática do evangelho que nos une no amor e na misericórdia uns para com os outros pois, sabemos que à medida que tratamos as pessoas com respeito, dignidade, igualdade e amor o ambiente se torna mais acolhedor, permitindo caminhar juntos mesmo em meio às diferenças, uma vez que a força dos ensinamentos de Jesus quebra as barreiras que nos afastam dos irmãos. Ofertar um espaço acolhedor, solidário, respeitoso, que ajuda as pessoas, sem julgar e/ou discriminar.

Entendemos que à medida que caminhamos juntos, aprendemos uns com os outros, avaliamos nossos pontos fracos e fortes, apoiamo-nos e dividimos responsabilidades, de maneira que o peso dos nossos compromissos não se transforma em um fardo tão pesado.

Nas nossas reuniões pastorais damos pouca oportunidade para um momento forte de reflexão sobre a Palavra de Deus, de escuta ao que o Espírito Santo tem a nos dizer. Com pressa e de forma mecanizada o essencial vai sendo remetido para outra ocasião. A falta de espiritualidade em nossas pastorais e encontros é percebida, sem preocupação séria com a base sustentável das nossas ações, que é a Sagrada Escritura (a leitura orante, a intimidade com a palavra, o manuseio da Bíblia). Percebe-se uma expressão de espiritualidade ainda muito intimista com atos e gestos externos sem comprometimento com a realidade e mudança de vida.

No Clero, nas Pastorais e Movimentos, existe uma tendência ao perfeccionismo; achar-se melhor do que os outros e de se destacar do conjunto, agindo cada qual a seu bel prazer isoladamente do núcleo; há uma tendência a discriminar, negligenciar e excluir pessoas, grupos ou categorias de pessoas tais como: os casais de segunda união, os indígenas, os LGBTQIA+, pessoas de religiosidade de matriz africana, os pobres e até mesmo deixar à margem e ignorar



as Pastorais Sociais. Por tais razões, muitos não se sentem acolhidos, envolvidos e valorizados na Igreja, pois não comungam do mesmo ideal. Destacamos, especialmente, os jovens e as mulheres no processo da caminhada da Igreja.



Nossas celebrações e encontros são ainda muito engessadas, inspiram pouco a vida e a missão, não favorece uma leitura orante da Palavra de Deus, e uma ligação de fé e vida. A liturgia ainda é muito centralizada no sacerdote com pouca participação do povo. (Ex: as Equipes de liturgia não fazem a motivação inicial, as preces são prontas sem envolver a realidade da comunidade, da igreja diocesana, do país e mundo, os cantos são intimistas e por vezes em latim sem envolvimento da comunidade que celebra). Temos muito “pode e não pode” e isso denota uma falta de formação litúrgica (proclamada e cantada) de forma sistemática e continuada.

Todos os batizados são chamados a participar: a nossa diocese precisa investir mais na formação bíblico-catequética, litúrgica, social e religiosa dos seus membros, pois a falta de conhecimento os impede de atuar com mais efetividade. A parte social da missão da Igreja está negligenciada, se investe mais no conservadorismo que se expressa numa linha vertical da espiritualidade. O envolvimento social, político, científico, cuidado com o meio ambiente, são vistos como função à parte da Igreja. Existem, ainda aqueles que conhecem a Palavra de Deus, mas se decepcionaram na comunidade e decidiram sair do convívio da mesma.

Algumas pessoas não caminham junto e não participam da vida de nossas comunidades, são deixadas às margens: os desempregados, os doentes, os jovens, aqueles em vulnerabilidade social, os casados de segunda união e os idosos. Precisamos fazer com que essas pessoas se sintam bem acolhidas, amadas na Igreja. Outros excluídos são os que não conhecem, não querem ou não desejam beber dessa fonte que é Jesus, pessoas que não ouvem a voz de Deus. Há os que desejam uma igreja individualista, os frios na fé, ou que até mesmo participam esporadicamente, mas não assumem compromissos pastorais.

Importante também despertar os jovens para a vida em comunidade, dando espaço para escutar seus medos, suas dúvidas, timidez e suas ideias sem fugir da verdade que é Cristo. Os jovens estão perdidos, confusos, dispersos e sem orientação. Precisam de quem os auxiliem e se comprometam com a sua formação e os levem a participar das comunidades. Sonhamos com uma Igreja de presença jovem. Uma Igreja que dá voz e vez aos jovens, fazendo o seu resgate, pois eles são a alma da Igreja. Precisa-se repensar a pastoral da juventude. As famílias vivem sem estrutura, às margens e faltam-lhes o conhecimento da doutrina cristã, a orientação e o esclarecimento de como buscar seu crescimento na Igreja.

Ainda, quantas vezes deixamos de lado os membros da igreja que ocupam cargos políticos e sociais, estes são mal vistos pela comunidade ou até mesmo deixados às margens. A igreja pode ajudá-los a cumprir seu papel na sociedade acolhendo-os, escutando-os e mostrando com a Palavra de Deus a maneira correta de agir diante as adversidades e decisões.

Nós precisamos estar atentos àqueles que falam e gritam por ajuda: Deus nos fala também através destes que por vezes passam despercebidos. Para tudo isso necessitamos de humildade, a falta dela e a arrogância, o orgulho que cresce em nós atrapalha de sermos aquilo que Deus espera de nós, nos faz olhar apenas para o nosso redor esquecendo-nos dos que estão marginalizados. Ir ao encontro desses com o coração aberto e cheio de Deus, sem medo, deixando de lado nossas divergências, autossuficiência, e sim indo com acolhida, com amor. Precisamos diminuir os discursos e aumentar os passos em direção aos que se encontram à margem do caminho, abrir os ouvidos e os (a)braços para acolher os que não conseguem nem mais falar.

Os consagrados e consagradas devem ocupar os seus lugares realizando sua vocação com o auxílio dos leigos que também são missionários e chamados a atuarem nesta dimensão da

Escuta, nesta igreja que está sempre aberta e pronta para atender e escutar os pobres, marginalizados e excluídos.

A Igreja está perdendo a unidade com muitas polarizações dentro das comunidades; se divide em muitas pastorais e movimentos, muitas com funções parecidas e isto a faz enfraquecida.

Queremos trabalhar juntos, com um padre que delega funções, como membro da comunidade no Corpo Místico de Cristo, colocando a serviço do Reino os talentos recebidos. Uma Igreja unida e participativa. Pastorais abertas para a juventude.



Como Igreja em saída precisamos apresentar o Deus de misericórdia de forma amorosa, como proposta de um novo jeito de ser igreja, com transparência administrativa no dízimo, dentre outras. O objetivo é fazer florescer a esperança, estimular confiança, tratar feridas, aprender uns com os outros.

2. OUVINDO

Escutar também é um ato de amor. Ouvir o clamor dos que sofrem é uma necessidade emergente na qual perpassa a ausência de preconceitos. O termo “Ser igreja sinodal” despertou nos irmãos o entusiasmo de quem gostaria, há muito tempo de ser ouvido. A nossa Diocese carece de ações específicas e permanentes para a escuta das pessoas que experimentam a pobreza, a marginalização ou a exclusão social. As falas do povo de Deus desvelam uma visão peculiar de como enxergam a rotina dentro da nossa Igreja Católica. São percepções que, infelizmente, apontam para uma realidade que, em alguns aspectos, contrastam com os ensinamento de Cristo. Para a maioria de nossos irmãos ainda não somos bons ouvintes; não somos calorosos com os que estão chegando, tão pouco com aqueles que se afastam; nossos ouvidos estão tapados aos que gritam por socorro em nosso entorno. Somos vistos como igreja de idosos, que raramente se atenta aos clamores das novas gerações e pouco tem feito pelos jovens que estão se afastando, que estão deixando a fé católica por não se sentirem acolhidos e ouvidos.

A promoção do diálogo deve ser perseverante, apesar de nos faltar amadurecimento na fé. Precisamos aceitar as opiniões contrárias e favorecer um diálogo saudável pois Deus nos fala em todos os momentos também através de nossos leigos e, muitas vezes, a fala dos leigos é dispensada apenas pelo fato de serem leigos.

Queremos escutar os jovens da periferia, os negros, as mulheres e os pobres, tendo empatia e colocando-nos no lugar do outro, derrubando as barreiras do preconceito, buscando união verdadeira. Nas reuniões e pastorais encontra-se espaço de expressão do pensamento mas ainda há lideranças que não dão oportunidade para as pessoas expressarem sua opinião, o que impede os batizados de serem ativos na missão e fazer o encontro com Jesus. Quando fazemos essa experiência, o serviço se torna gratidão, recompensa, amor, que tudo suporta e tudo espera.

Na Igreja existe pouco espaço para as minorias, e as vezes nossas comunidades negligenciam este serviço, esperando que esse grupo de pessoas venham até a igreja e nem sempre a igreja é um local acolhedor, de respeito e de ajuda, isento de julgamentos, exclusão, rótulos e menosprezo. Todos na Igreja deveriam ter espaço para falarem e serem ouvidos, usando a palavra com coragem e profecia, incluindo as minorias, sem medo, considerando o diálogo como crescimento para a vida da comunidade. Nos falta preparo e conhecimento da doutrina católica e dos documentos da Igreja.

Buscar viver a unidade do Espírito Santo como companheiros e irmãos nos pede amor fraterno, colocar-se no lugar do outro para entendê-lo, conversar. Viver em comunidade nos pede diálogo, buscar escutar e compreender as necessidades e as sugestões do outro, mostrando aos que estão as margens e que se sentem excluídos que a Igreja tem lugar para todos, e como Mãe acolhe a todos com suas diferenças, mas não deixando de serem filhos muito amados.

Escutar é um dom, por mais que seja uma capacidade inerente ao ser humano, sem uma devida disposição movida pela Graça, não é possível obter eficácia. A escuta ou o ouvir tornou-se algo muito escasso, pois muitos querem o direito de falar o tempo todo, mas poucos são os que querem parar para ouvir o outro. E, infelizmente, isso entrou na Igreja, seja por parte dos clérigos ou dos leigos em suas pastorais e movimentos.

Entretanto, é preciso recuperar esta ação virtuosa da escuta, e escutar muito mais com o coração do que apenas com os ouvidos. O que inibe é muitas vezes a brutalidade, a “falta de tempo” que é dita como desculpa para não escutar o outro, o encher-se de atividades outras para estar sempre ocupado e pouco ouvir o outro. O que inibe é tornar a Igreja um organismo parecido com muitos lugares públicos, tipo a secretaria que se torna mais um caixa de um banco do que um lugar aconchegante, de acolhida. O que inibe é o distanciamento da realidade pastoral e do contato com o povo.

Estamos vivendo tempos difíceis e precisamos estar atentos ao que nos cerca, ao que está no nosso entorno. Como cristãos essa atenção se torna mais pertinente, uma vez que somos chamados a ser missionários, e o papel do missionário é viver com a intensidade o que o Mestre nos pede, e uma dessas recomendações de Jesus é Amor. Entende-se que este processo sinodal nos permite, na prática, sairmos das leituras, dos grupos fechados e irmos ao encontro do outro, precisamente daqueles que estão a margem em todos os sentidos. Precisamos, portanto, nos colocarmos a caminho, a olhar o outro e enxergar suas feridas e curá-las.

O tempo é agora, não podemos perder de vista os ensinamentos do Mestre e principalmente as suas vivências na Fé e na Vida! E só assim, seremos “comunhão, participação e missão”.

3. FALANDO

Pelas queixas que costumamos escutar nas paróquias, é possível que uma das dificuldades que muitos fiéis encontram para ter voz em suas comunidades seja a falta de abertura dos próprios coordenadores de alguns movimentos ou pastorais ou às vezes do pároco. É necessário dar atenção àquelas comunidades nas quais alguns grupos se sentem donos das mesmas e não favorecem a participação dos que estão de fora. Os tão falados “novos areópagos” em que a Igreja é chamada a atuar na sociedade moderna ainda são desafiadores, justamente pelo predomínio de certo espírito de timidez.

Existe uma certa desconfiança de que as palavras caiam na indiferença, no vazio, de que as coisas continuem sem mudanças. Isso impede muitas pessoas de opinarem e se acomodam. Há uma dificuldade em falar a verdade, com franqueza e responsabilidade, pois encontramos uma sociedade “machucada” e frágil na fé. As reuniões em grupos com poucas pessoas facilita a fala enquanto que em grupos grandes a inibem e quando nos sentimos acolhidos e respeitados somos estimulados a falar.

A falta do conhecimento dificulta o falar surgindo assim o medo do julgamento. Na nossa igreja existe muito o medo de falar, de expressar, de denunciar as injustiças na nossa sociedade. Falta uma maior consciência de ser igreja, povo de Deus. A política e o engajamento social são setores muito negligenciados pelos batizados. Acontece ainda muita separação entre Fé e Vida; buscamos respeitar as diferenças, mas não temos um diálogo ou serviço em conjunto. A

comunicação ainda é bem deficiente na comunidade, falta capacitação, comprometimento e também cooperação para melhor evangelizar nos meios tecnológicos.

Daí a necessidade de uma catequese permanente para adultos, que possibilite aprofundar os ensinamentos da nossa igreja. O aprofundamento bíblico e doutrinário, não apenas nos previne dos falsos profetas e suas doutrinas, mas também fortalece a nossa fé e permite defendê-la e propagá-la, como Jesus nos pediu.

A fala contribui, nesse sentido, para a evangelização, mas exige coragem. Vemos que dentro da igreja, há poucos que falam e muitos que se calam, uns por falta de oportunidades, outros para não assumirem responsabilidades. Mas Deus nos chama a ser voz, principalmente fora dos muros da igreja.

4. CELEBRAÇÃO

A Unidade é a base para O Caminhar juntos, que vai nos inspirar a viver uma vida missionária e promover uma participação ativa dos fiéis na liturgia, os quais hoje não sabem viver o mistério da Santa missa. Também precisamos ser mais solidários, mais irmãos, saber fazer as correções no momento certo e sermos fiéis e responsáveis com o mistério a nós confiados na Igreja e para isso precisamos conhecer de fato a nossa Igreja e o Mistério Celebrado em cada liturgia.

É preciso incentivar mais a participação da assembleia através da acolhida e da formação. Para entendermos o que estamos celebrando precisamos da participação ativa dos fiéis, para que na prática possamos aprender mais o celebrar. Atualmente na comunidade existe uma certa dificuldade na organização litúrgica, isso se dá por falta de cristãos dispostos a se entregar pela evangelização.

A celebração inspira e guia a nossa comunidade, fortalece nossa fé, ajuda na nossa conversão, transformando vidas. Quando uma celebração é bem preparada, o cristão se enche de Deus, se sente tocado e com desejo de se saciar ainda mais, permanecendo, assim, fiel à igreja de Cristo. Mas não basta que a celebração seja bem preparada, é necessário que cada um de nós esteja disposto para uma participação ativa nessa liturgia. Diante disso, é de fundamental importância uma boa formação, que possibilite o conhecimento da nossa doutrina e da nossa liturgia, bem como, o aprofundamento dos dons de cada um, de modo que esses possam ser colocados a serviço.

Não podemos ter medo de participar ativamente na Igreja, ao contrário, devemos assumir o nosso batismo, redescobrir os nossos dons e vocação e, como Maria, dizer o nosso sim.

5. COMPARTILHAR A RESPONSABILIDADE PARA NOSSA MISSÃO COMUM

A Igreja é o segmento da vida que precisa ser acompanhado pelas famílias dos jovens batizados no caminhar juntos família e Igreja; é preciso incentivo e acompanhamento maior da família às crianças e jovens na catequese. Quando conhecemos de fato a riqueza da nossa Igreja assumimos com mais afinco a responsabilidade da missão.

Estamos negligenciando nosso chamado quando não cumprimos nosso papel de cristãos diante da sociedade, quando não apoiamos as vocações e não incentivamos as obras da igreja, tudo isso é causado pelo comodismo, pelo descaso da fé, pelo ativismo, relativismo, medo de assumir responsabilidades, competitividade, falta de conhecimento, a falta de compromisso com Deus. Nossas pastorais precisam se tornar mais acolhedoras, valorizando cada pessoa, independentemente de seu cargo, formação ou condição social.

Algumas áreas de missão estão negligenciadas, como a Pastoral da juventude, a Liturgia cantada e proclamada, a pastoral familiar, a pastoral da Catequese, os Círculos Bíblicos, as quais precisam se fortalecer e revitalizar com um novo ardor missionário.

A Igreja deve incentivar os fieis a viverem o seu serviço na sociedade de forma missionária promovendo e apoiando pequenos projetos de formação, bem como no acompanhamento e constituição de alguns conselhos municipais.

Todos os batizados iluminados pela palavra e fundamentados na tradição são chamados a ajudar a construir e a melhorar nossas comunidades. Um batizado que é ciente de ser um membro da Igreja de Cristo, jamais se retrai ante a missão. Não obstante, são os simples os mais sensíveis aos apelos missionários, pois aquele que verdadeiramente reconhece o Cristo ao partir do pão na Eucaristia e nos demais Sacramentos, também o reconhece no rosto dos mais pequeninos do Reino, dos mais pobres, menos influentes e incapazes de retribuírem nesta terra bem algum.

Como os Apóstolos tiveram coragem e evangelizaram, nós também venceremos os desafios encontrados no caminho e na missão.

6. DIÁLOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O diálogo é a chave para o bom relacionamento, no entanto, para que haja diálogo, os envolvidos no contexto religioso e social precisam estar abertos à escuta e ao respeito às diferenças. Percebemos que o diálogo acontece em nossas reuniões. Algumas pastorais têm maior abertura para temas mais amplos, outras se restringem a trabalhos de sua pastoral ou às questões puramente religiosas.

Em algumas paróquias o diálogo nem existe ou ainda é abordado com muita superficialidade. Questões sobre as divergências religiosas, a falta de atenção em relação às políticas públicas e outros temas relevantes para o povo nem chegam a ser tratados. O diálogo acontece à medida em que a Igreja se envolve e participa desses setores da sociedade. O diálogo ainda é tímido e precisa ser melhorado, principalmente com as outras religiões e com as pessoas que não professam a fé.

Também no que concerne as questões particulares na Igreja e na sociedade, o que se deve ter mais atenção é em tudo o que envolve a família. Dada a constante descaracterização, dessacralização e marginalização desta instituição, mais do que nunca se faz necessário um movimento dialogal da Igreja e Sociedade em prol desta, pois abolir a família, é abolir um sinal do amor de Deus no mundo, a comunidade humana por excelência.

Muitos fieis se afastam e não nos damos conta, precisamos encontrar meios de estreitarmos os laços, conhecer o real motivo do afastamento, ir ao encontro do outro e ouvir suas necessidades. Existem poucos momentos de lazer e vida em comunidade, onde só nos encontramos nas reuniões pastorais para tratar dos assuntos ligados ao servir. Chega a ser desconhecido por muitos as comunidades religiosas, associações e movimentos laicais.

No que concerne ao diálogo com os demais setores da sociedade, nota-se que os diferentes posicionamentos, sejam eles de cunho social, político ou religioso, têm dificultado uma maior abertura para temas de suma importância para o bem-estar da comunidade. Ainda falta maturidade de muitos católicos para que esse diálogo seja produtivo e respeitoso. A Campanha da Fraternidade no decorrer de muitas décadas sempre foi um exemplo de diálogo, mas infelizmente criou-se uma rejeição sem entender e vivenciar o verdadeiro sentido da mesma. A vasta gama de atividades dentro de cada pastoral ou movimento tem dificultado o diálogo de forma mais ampla com toda a igreja. Um desafio que deparamos consiste promover a integração e o diálogo entre as diferentes pastorais e/ou movimentos e entre as comunidades ou paróquias. Os Círculos Bíblicos e as Comunidades Eclesiais de Base estão precisando de um assumir mais corajoso em toda a Igreja Diocesana.

O diálogo é a melhor alternativa para enfrentar as divergências e conflitos vividos. Por meio do diálogo é possível promover relações abertas, onde as opiniões são respeitadas e possibilita adquirir um crescimento espiritual e social a todos.

Esse momento de escuta mostrou-nos que ainda precisamos promover encontros e projetos em que todos os grupos estejam reunidos para compartilhar, se conhecer e trabalhar juntos. O entendimento é ser Igreja de forma engajada, que facilita o diálogo, o fortalecimento do trabalho comunitário, o conhecimento das necessidades dos irmãos, bem com a aproximação àqueles que precisam dos nossos cuidados.

7. ECUMENISMO

Na questão do ecumenismo nos vemos como estranhos, cada um na sua crença e pouco nos abrimos para uma caminhada em conjunto. Existe algumas iniciativas como por exemplo a Campanha da Fraternidade, mas que não é abraçada e assumida por toda a Igreja.

É possível realizar o diálogo entre as igrejas porém em se tratando de ecumenismo, é preciso avançar muito com práticas que promovam a paz ao contrário de potencializar o ódio entre as religiões. Promover esse diálogo e a convivência fraterna é uma proposta para todas as comunidades. Avançamos por meio do respeito e do diálogo, mas ainda temos dificuldades em trabalharmos juntos. Sabemos que o primeiro passo para caminharmos em comunhão é a oração e a compreensão mútua.

A divergência entre os dogmas de católicos e protestantes tem dificultado que aconteça, de uma forma mais efetiva, o ecumenismo esperado. Percebe-se que falta a muitos irmãos católicos o embasamento teórico da própria doutrina, seja por carência de cursos de formação de leigos, seja por falta de interesse dos próprios irmãos em aprofundar no conhecimento a respeito do catolicismo. Relacionar com outras confissões cristãs é desafiador já que exige de nós paciência, amor, tolerância, o saber ouvir e ao mesmo tempo saber anunciar a verdade com fé e autoridade.

Não somos todos nós do mesmo jeito porque Deus não nos criou igual, cada um é diferente do outro. Ele quer que entendamos o outro, caminhemos com o outro, um ajudando e escutando o outro, na troca de conhecimento, isso é ser fraterno, aceitar o outro como ele é. Respeitar as diferenças e caminhar juntos.

Precisamos nos cobrir de humildade e reconhecer nossas falhas e nos colocar a caminho de uma interação consistente para derrubar o muro que separa católicos de outros credos, religiões, e outras manifestações de fé, caminhando numa só direção, unindo naquilo que nos aproximam uns dos outros e deixando de lado aquilo que nos separa, nos incomoda e nos distancia uns dos outros.

8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

O exercício da autoridade e participação deve ser um serviço que favorece a participação, corresponsabilidade e autonomia dos envolvidos. De maneira geral, percebemos que a nossa



0800 010 010




dioceseteixeiradefreitas.com.br



curia@dioceseteixeiradefreitas.com.br



Rua Marechal Eurico Gaspar Dutra, 38 | Centro
Teixeira de Freitas - BA | CEP: 45.985-106



igreja local precisa estimular e valorizar mais a participação dos leigos nas pastorais e movimentos, pois nos últimos anos, agravado pela pandemia, notamos o desestímulo e o afastamento de muitos irmãos nas pastorais das nossas comunidades. É urgente na Igreja priorizar a formação dos seus membros, padres, seminaristas, agente de pastoral, povo e das comunidades para uma Igreja sinodal de comunhão, participação e missionária.

O Espírito continua a agir na história e a manifestar o seu poder vivificante. Nesta linha vemos a recente instituição do ministério laical do catequista e a abertura as mulheres no acesso aos ministérios da Igreja.

A nossa comunidade eclesial identifica os objetivos a prosseguir através de reuniões administrativas que traçam metas anuais, e que nos faz passo a passo planejar e alcançar nossos objetivos. Procuramos conscientizar e envolver todos para a participação nos projetos da Igreja, como mutirões, doações e dízimo. Identificando conteúdos para as celebrações, como também os de construção e manutenção do espaço físico, sempre alinhados com a paróquia, diocese e com toda a Igreja.

Colocamos em prática o trabalho de equipe e a corresponsabilidade através de reuniões periódicas com movimentos e pastorais, fazendo avaliações dos acertos e desacertos, procurando o melhor caminho para alcançar a melhora, delegando tarefas e serviços necessários.

Para promover uma abordagem mais sinodal na nossa participação e liderança se faz necessário uma abertura por parte das lideranças e uma busca maior por conhecer mais sobre a construção de uma Igreja participativa e atuante no seio da comunidade cristã, mantendo o diálogo renovado.

9. DISCERNIR E DECIDIR

O método e processo mais seguro na tomada de decisão é a oração, porque só através dela podemos alcançar o discernimento para compreendermos o que O Espírito Santo tem a nos dizer. As decisões em nossas paróquias e comunidades, geralmente são tomadas através de reuniões dos conselhos, algo que, embora positivo por envolver representantes dos diversos movimentos e pastorais, ainda se restringe a um pequeno grupo de pessoas, o que inviabiliza que outros irmãos deem sua opinião sobre as pretensões futuras para a Igreja da qual eles fazem parte. É preciso avançar neste quesito, principalmente em se tratando da utilização dos recursos, priorizando o seu uso nas melhorias necessárias da paróquia e das comunidades. Assim, a consulta aos fiéis que não estão atuando em coordenação faz-se necessária para as tomadas de decisões, objetivando uma melhor transparência e sinodalidade e na busca constante da comunhão entre os irmãos, com muito esforço e dedicação. O entendimento é o fator preponderante entre consulta e tomada de decisão.

Para pôr em prática devemos trabalhar de forma integrada, criando alternativas e abordagens diversas, onde a escuta e as convergências sejam maximizadas em detrimento da imposição, às vezes individualizadas.

Podemos promover mais transparência e responsabilidade sendo coerentes com o evangelho pregado e vivido e transparente com cada missão que nos for confiada, com mais conhecimento de causa, formação de lideranças que saibam ouvir; utilizando canais de comunicação social da igreja; com prestação de contas e apresentação de balancetes.

A colegialidade incentiva que as tomadas de decisões importantes possam ser discutidas em conjunto, refletidas, julgadas e não unicamente deliberadas por uma única competência. Esta é uma maneira de incluir o outro, de valorizar a sua contribuição e um ato evangélico de humildade e participação.

10. FORMANDO-NOS EM SINODALIDADE



É preciso querer caminhar juntos e, diante da nossa realidade, temos vivido um esfriamento espiritual dificultando a participação na missão e o ouvir. É preciso uma formação partindo para o discernimento no exercício da autoridade para que possamos viver de forma sinodal, uma vez que a missão do sínodo é formar, aprender, mudar e construir um caminho de união fraterna para a Igreja do terceiro milênio. Podemos crescer no discernimento espiritual através de orações conjuntas: Clero e o povo de Deus.

Viver a sinodalidade é dever de todos os batizados. A sinodalidade, contudo, exige o caminhar juntos na vivência do Evangelho, como meta para animar a vida e a missão evangelizadora da Igreja Diocesana e a adesão aos ensinamentos de Deus para toda a humanidade que se abre à Sua Graça. Pedimos em oração que Deus nos mostre o rosto desta Igreja Sinodal pela força do Espírito Santo na consciência e liderança dos nossos Pastores e do povo de Deus.

CONCLUSÃO

Ser Igreja é partir de Jesus Cristo, “ponto de partida”, caminhar juntos, unidos a Ele que é O Caminho para chegar à Deus.

Sonhamos uma Igreja onde os fiéis se amem, que sejam firmes na fé, uma Igreja fervorosa, que tenha compromisso com a Evangelização, que sirva na comunidade se doe por amor com impulso missionário vendo Cristo no irmão, tendo unidade, onde todos sintam-se acolhidos. Uma Igreja em saída, capaz de convidar outros batizados para participarem das celebrações, escutando suas necessidades.

Sonhamos uma Igreja fraterna, que pratica a caridade com os que estão na marginalidade, órfãos do sistema sócio econômico e político. Indo ao encontro dos que perderam a esperança e que pouco tem a oferecer e que tem fome e sede da palavra de Deus. Uma Igreja com empatia, acolhedora e participativa. Atenta às necessidades pastorais, colocando-se a serviço. Uma Igreja que vai ao encontro de quem está afastado, às vezes, por falta de testemunho evangélico dos que estão à frente das comunidades. Uma Igreja em que os batizados conheçam a riqueza e o tesouro de sua doutrina.

Caminhar juntos requer conversão, saber acolher e dialogar com o diferente. Na Igreja e na sociedade caminhamos lado a lado, ocupando o mesmo espaço, às vezes insensíveis frente às diferenças gritantes dos pobres. Um dos desafios lançados à Igreja e às pastorais é a inclusão dos que vivem na extrema pobreza em nossas comunidades.

Vislumbremos uma Igreja em ascensão que busca, na humanidade marcada pela secularidade, perceber os sinais de Deus para sua libertação e que haja entre nós mais abertura, mais acolhimento, mais escuta. Uma liturgia que vislumbre a alegria e integração da comunidade.

Para exercermos a sinodalidade é preciso formação, capacitação e incentivo a todos leigos e leigas, movimentos e pastorais, com trabalhos em equipe e diálogo apoiados pelo clero.

A vida sinodal na igreja se realiza graças à efetiva comunicação de fé, de vida e de empenho missionário entre todos os membros. Nessas formações tem buscado formar para o diálogo e a humildade exercitando, juntos, a escuta da vontade de Deus.

Estamos aprendendo que caminhar juntos, nos permite interpretar a realidade com os olhos e o coração de Deus, para seguir o Senhor e ser servos da vida em meio a tantas dores. O dinamismo da comunhão, que anima as decisões, e da escuta comunitária da palavra de Deus, são os princípios educativos para a formação das pastorais e movimentos de nossas comunidades.

Caminhar juntos abrange toda a humanidade da qual compartilhamos as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias. Precisamos entender que a Missão e a Evangelização é responsabilidade de todos: Bispo, Padres, Religiosos e Leigos que, como gente da esperança, precisamos acreditar na força da comu-união, vinda do Espírito de Deus.

